

Vico, um Gênio Solitário e Renovador

Selvino José Assmann *

— Uma revolução no pensamento histórico —

Foi num ambiente de profunda renovação e grandes debates que, entre o fim do século XVII e os primeiros decênios do seguinte, numa atmosfera que respirava os ventos novos provenientes da França cartesiana e da Inglaterra baconiana e hobbesiana, e que, na Itália, via maturando a grande escola de Galileu, o “antididáscalo”, ou seja, o autodidata Giambattista VICO (1668-1744), solitário e silencioso, mas não ignorante do que se passava na Europa, estava gerando o que hoje a maioria reconhece como primeira autêntica filosofia da história⁽¹⁾ e como revolução no conhecimento histórico em geral. É por isso também que se assiste hoje no continente europeu a uma verdadeira redescoberta da obra viquiana, que não pode passar despercebida para nós, latino-americanos, sobretudo quando sabemos que o pensador italiano foi dos primeiros a aceitar a historicidade dos povos extra-europeus, num período em que só a Europa era tida como “histórica”.

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia — UFSC.

1. Não se deve esquecer a tentativa do outro solitário, o tunisino Ibn Khaldoun (1332-1404) de redigir uma filosofia da história.

A respeito de Vico, também José Ortega y Gasset assinala que ele tem da nova realidade — a vida humana — uma entrevisão genial: “De repente antecipa-se a todos os seus sucessores no século XVIII e coloca-se à frente deles, mas como num sonho ou pesadelo” (**Kant, Hegel, Dilthey**, 4. ed. Madrid, Revista de Occidente, 1972, p. 149). E Ernst Bloch sublinha a importância de Vico, o primeiro, depois de Agostinho, a formular uma filosofia da história sem história da salvação; outrossim resalta a forte influência exercida pelo italiano em Herder e Hegel e até mesmo em Marx (cf. **La philosophie de la Renaissance**, trad. francesa. Paris, Payot, 1974).

Contudo, a repercussão da obra de Vico não foi imediata nem entre os intelectuais europeus. Isto não só é devido à solidão do estudioso napolitano, mas também porque sua postura era contrária à da época. Num tempo em que os cientistas privilegiavam a quantificação, obviamente alguém que nega tal primazia passa a ser menosprezado ou fica desconhecido. E isto aconteceu com Vico. Montesquieu, por exemplo, embora conhecesse a mais famosa obra do italiano, os **Principi di una scienza nuova**, não lhe deu atenção. Herder só bem tarde lhe dedicou uma página; mesmo Goethe, amante e viajante na Itália, menosprezou-o por ser mais um anunciador do futuro do que um ilustrador do passado. Há, por outro lado, quem insinue que no século XVIII, Vico tenha sido plagiado de diversas formas⁽²⁾. O certo é que só no século passado e sobretudo no atual começou a descortinar-se toda a fecundidade da obra viquiana, sobretudo a partir da insistência de outro napolitano, Benedetto Croce, que denomina seu concidadino "o século dezanove em germe"⁽³⁾. Aliás, dever-se-ia afirmar que os profissionais da história, tanto os filósofos da história, quanto os historiadores, além dos estudiosos da linguagem e do mito, que muito devem a Vico, não foram muito gratos e gentis com um dos pais das suas respectivas áreas de estudo. Talvez os perdoe a observação de Collingwood: "Vico adiantou-se demais à sua época, para que seu pensamento pudesse influir perceptivamente de um modo imediato"⁽⁴⁾.

2. Cf. Friedrich MEINECKE, **Le origini dello storicismo**, trad. italiana, Firenze, Sansoni, 1973, pp. 38-9.

(3) Benedetto CROCE, **La filosofia di Giambattista Vico**, Bari, Laterza, 1911, p. 256. O mesmo Autor também afirma: "Poder-se-ia apresentar a história ulterior do pensamento como uma **volta** às idéias de Vico. Voltaram, em primeiro lugar, a crítica dele ao saber imediato de Descartes e o seu critério da conversão do verdadeiro com o fato, no movimento especulativo que foi de Kant a Hegel e que culminou na tese da identidade do verdadeiro com o fato, do pensamento com o ser. Voltou a sua unidade de filosofia e filologia na reivindicação da história contra o ceticismo e o intelectualismo do século XVIII, filho do cartesianismo; na síntese **a priori**, que reconciliou o ideal com o real, a categoria com a experiência; e na filosofia histórica de Hegel, no qual o historicismo do século XIX alcançou o ponto mais elevado" (*Ibid.*, p. 251).

4. R.G. COLLINGWOOD, **Idea de la historia**, trad. espanhola, 6. ed., México, Fondo de Cultura Económica, 1979, p. 77.

Mas venhamos a Vico e ao seu pensamento. Este professor de retórica da Universidade de Nápoles, católico praticante, foi, como dissemos, o primeiro filósofo da história dos tempos modernos. Embora sua obra-prima **Principi di una scienza nuova**, iniciada em 1725 e cuja edição definitiva é de 1744 — e é esta que usaremos em nosso estudo —, mantenha os traços exteriores de uma filosofia teológica da história, na medida em que, como em Santo Agostinho e Bossuet, a história é vista governada pela Providência que realiza seus fins através das ações dos homens sem que estes tenham ou devam ter clara consciência do fato,⁽⁵⁾ pode-se afirmar que Vico instaurou um novo e rico instrumento para a pesquisa histórica: assim como Bacon havia formulado os princípios do método científico, o italiano o faz no campo da pesquisa histórica. Além disso, inaugura muitas temáticas hoje importantes, quais sejam as da análise da origem da linguagem, as da formação dos costumes e as da origem social do mito.

Na sua polêmica contra Descartes, contra a pretensão de uma ciência matematizante da natureza, o napolitano impugna ao francês, não a validade do conhecimento matemático, mas a teoria segundo a qual a matemática seria o único possível conhecimento. Vico, defensor dos direitos da fantasia e da memória, e contestador da idéia da unicidade de método na pesquisa, atacou o princípio cartesiano que postulava as idéias claras e distintas como critério de verdade: o fato de que se pense a própria idéia como clara e distinta, segundo Vico, pode convencer-nos pela sua aparente auto-evidência, e nada é mais fácil do que pensar que nossas crenças sejam por si evidentes, quando na realidade são apenas ficções sem fundamento, alcançadas por argumentos sofistas. O que importa é dispor de um princípio que nos permita distinguir o que se pode conhecer do que não se pode. E tal princípio é o famoso **verum et factum convertuntur** (o verdadeiro e o que foi feito se identificam), ou — o que é o mesmo — **verum ipsum factum** (o verdadeiro é o próprio feito). Assim, para que se possa estabelecer algo

5. Tal concepção contesta a doutrina jusnaturalista — pense-se em Hobbes — segundo a qual a origem do Estado se deve a um contrato racional entre os homens, homens considerados seres naturais.

como verdadeiro, urge que o sujeito que conhece tenha fabricado, feito, o que se conhece, o objeto. Desta maneira, a natureza só é realmente cognoscível a Deus, e a matemática o é ao homem, por serem os objetos do pensamento matemático ficções ou hipóteses construídas pelo matemático.

Mas a **scienza nuova** formulada por Vico é a história. Esta, ao contrário do que pensavam os europeus pré-modernos e até modernos, não é simplesmente obra de Deus, e sim **factum** humano. São os homens que fazem a história — e isso para alguns nem hoje em dia é óbvio, muito menos no início do século XVIII — por conseguinte os homens a podem conhecer melhor do que a natureza, que não foi feita pelos homens. O estudioso italiano concebe a história como processo pelo qual os seres humanos constroem sistemas de linguagem, costumes, leis, mitos, instituições civis e militares, juntamente como propósitos, ações, esperanças e terrores. A história é história da gênese e do desenvolvimento das sociedades e das suas instituições. E não há, segundo Vico, nenhuma contradição entre as ações humanas e o plano divino (a Providência), mesmo que as primeiras, que desembocam em costumes, leis e estruturas sociais mutáveis, não sejam sempre e completamente conscientes.⁶⁾ Por outras palavras, o plano da história é completamente humano, mas não preexiste na forma de uma intencionalidade não realizada encaminhando-se para uma sua própria e gradual realização. O homem é, neste sentido, criador da sociedade humana, e o que cria é um **factum**, ou seja, cognoscível para a inteligência humana.

Ao se falar do **verum et factum convertuntur** viquiano, não se pode deixar de lembrar o que o mestre Kant formulou em 1787, ou seja, quase cinquenta anos depois, no Prefácio à Segunda Edição da **Crítica da Razão Pura**, ao falar do estatuto epistemológico da Ciência da Natureza: “Perceberam eles (Galileu, Torricelli e Stahl) — declara Kant — que **a razão não compreende senão aquilo que ela mesma produz** segundo um projeto seu; . . . que a

6. Como não pensar, **mutatis mutandis**, na “astúcia da razão” hegeliana, ou no “plano recôndito da natureza” Kantiano, enunciados muitos anos após em novas e determinantes filosofias da história?

razão deve constranger a natureza a responder às suas perguntas, e não deixar-se conduzir simplesmente por ela, como se, por assim dizer, se encontrasse atrelada à natureza (...). É mister pois que a razão enfrente a natureza... a fim de instruir-se por ela, não como um aluno que aceita docilmente tudo o que o professor lhe dita, mas como um juiz que, no exercício de sua função, **compele** as testemunhas a responder às perguntas propostas por ele".⁽⁷⁾ Pensamos que nenhuma filosofia da ciência pode menosprezar tanto o princípio viquiano quanto a crítica kantiana, que, por sobejos motivos, mantém uma grande atualidade mesmo quando se discute a cientificidade das chamadas "ciências humanas".

Retornando ao princípio de Vico, não se negue que já antes dele outros haviam afirmado que o homem só conhece o que pessoalmente faz. Pense-se, por exemplo, em Bacon, Hobbes, e Descartes. Mas em Vico tal princípio assume uma orientação nova. Não só podem ser conhecidos os objetos matemáticos (Descartes), e sim, também e sobretudo, a realidade histórica, criada pelos homens e pelos homens enquanto sociedade. Por isso mesmo é que o napolitano pôde falar de ciência **nuova**. Vale a pena reproduzir o que o Autor diz no início dos **Principi di una scienza nuova**: até agora os filósofos contemplaram "a divina providência só pela ordem natural", "mas não a contemplaram já pela parte que era mais própria dos homens, cuja natureza apresenta esta propriedade principal: a de serem sociáveis".⁽⁸⁾ Vico reconhece que uma visão que partia do indivíduo, concebido como independente, devia necessariamente ser limitada e vã, além de ser errada. Todos os produtos

7. *Sie begriffen, dass die Vernunft nur das einsieht, was sie selbst nach ihrem Entwürfe hervorbringt... und die Natur nötigen müsse, auf ihre Fragen zu antworten, nicht aber sich von ihr allein gleichsam am Leitbände gängeln lassen müsse(...)* Die Vernunft muss... an die Natur gehen, zwar um von ihr belehrt zu werden, aber nicht in der Qualität eines Schülers, der sich alles vorsagen lässt, was der Lehrer will, sondern eines bestellten Richters, der die Zeugen nötigt, auf die Fragen zu antworten, die er ihnen vorlegt. (Immanuel KANT, *Textos seletos*. Edição bilíngüe. Trad. portuguesa de Raimundo VIER. Petrópolis, Vozes, 1974, pp. 34-5). NB: O grifo no texto em português é nosso!

8. *La divina provvidenza per lo sol ordine naturale ... ma non contemplarono già per la parte ch'era più propria degli uomini, la natura de ha questa principale proprietà: d'essere socievoli.* (Giambattista VICO, *Scienza nuova*, Milano, Rizzoli, 1977, pp. 86-7).

específicos dos homens — economia, direito, estado, ciência, arte — concretizaram-se historicamente e não podem assim ser compreendidos a partir de indivíduos isolados, mas só fundados nas relações entre estes indivíduos, na sociedade humana.⁽⁹⁾ Não é, portanto, o **eu** cartesiano que funda o ser e o saber, mas o **nós**.

Vico refere-se — repitamo-lo — à providência divina, rainha das coisas dos homens, e insiste em que a ciência da história deve ser “uma teologia civil pensada da providência divina”⁽¹⁰⁾. A sua nova ciência tem por objetivo “descrever uma história ideal eterna, sobre a qual correm no tempo as histórias de todas as nações nos seus nascimentos, progressos, estados, decadências e fins”⁽¹¹⁾. Mas a providência não impede a ação, consciente e não, dos homens e das nações, ação que, apesar dos impulsos individualistas e egoístas, tende ao melhor através dos tempos. E é precisamente a providência que induz, às mais das vezes inconscientemente, os homens à formação de um mundo das nações cada vez mais perfeito. Para Vico, a humanidade em geral e cada povo em particular, começa pela “idade dos deuses”, segue com a “idade dos heróis” e chega à “idade dos homens”⁽¹²⁾, e a semelhança com “a lei dos três estágios” de Comte parece visível, não obstante as concepções

-
9. Não se pode aceitar sem mais a opinião do historiador latino-americano, Carlos RAMA, segundo o qual Vico, como Aristóteles e outros, via o individual o campo histórico (Cf. Carlos M. RAMA, *Teoría de la historia. Introducción a los estudios históricos*, 3ª ed. revisada, Madrid, Tecnos, 1974, p. 72).
 10. Giambattista VICO, loc. cit., p. 241: *Perciò questa scienza, per uno de' suoi principali aspectti, dev'essere una teologia civile ragionata della provvidenza divina*.
 11. *Descrivere una storia ideal eterna, sopra la quale corron in tempo le storie di tutte le nazioni ne'loro sorgimenti, progressi, stati decadenze e fini* (*Ibid.*, p. 245).
 12. A “idade dos deuses” corresponde à das religiões primitivas e dos seus mitos; a “idade dos heróis” é exemplificada pelos poemas homéricos; e a “idade dos homens” inclui o pensamento filosófico e as codificações legislativas, entre outras realidades. Aliás, para Vico tudo é analisado em função e a partir de três costumes, três princípios e três graus ascendentes no caminho histórico. Como ponto de partida da nova ciência, aparecem três costumes eternos e universais: os fatos religiosos, o casamento e o enterro dos mortos (cf. loc. cit., p. 232). E todo o livro quarto da *Scienza Nuova* é a apresentação de uma série de três: três espécies de natureza, de costumes, de direitos naturais, de governos, de línguas, de juízos, etc. (Cf. loc. cit., p. 589 e ss.).

distintas em relação à religião e à metafísica. A ciência histórica, segundo Vico, tem por tarefa descobrir as leis secretas, trazer à luz o que está escondido no caminho das nações, ordenar o que transparece da deplorável obscuridade dos princípios e da inumerável variedade dos costumes das nações⁽¹³⁾.

O princípio metodológico para elencar as leis deste desenvolvimento é descrito pelo pensador italiano da seguinte forma: "Para encontrar tais naturezas de coisas humanas, esta Ciência procede com uma severa análise dos pensamentos humanos relativos às humanas necessidades ou utilidades da vida social, que são as duas fontes perenes do direito natural das gentes..."⁽¹⁴⁾. Conforme se observa, Vico parte do pressuposto, já assinalado por outro italiano, Niccolò Machiavelli, de que as produções humanas explicam-se em base à necessidade, à reação perante a indigência material. Mesmo a análise do fenômeno religioso por parte do napolitano prenuncia a interpretação antropológica da religião dada depois por Ludwig Feuerbach, com a diferença que Vico crê em Deus e o alemão, não. E neste caso, o italiano demonstra muita coragem e ousadia, ao fazer afirmações como a que segue: o conhecimento de Deus, mesmo dos homens selvagens, explica-se pelo fato de "que o homem, caído no desespero de todos os socorros da natureza, deseja algo superior que o salve. Mas algo superior à natureza é Deus, e esta é a luz que Deus derramou sobre todos os homens"⁽¹⁵⁾. Conforme observa Meinecke, Vico foi o pri-

13. Cf. *loc. cit.* p. 242.

14. *Per andar a trovare tali nature de cose umane procede questa Scienza con una severa analisi de pensieri umani d'intorno all'umane necessità o utilità della vita socievole, che sono i due fonti perenni del diritto natural delle genti...* (*Loc. cit.*, pp. 243-4)

15. *...che l'uomo, caduto nella disperazione di tutti i soccorsi della natura, desidera una cosa superiore che lo salvasse. Ma cosa superiore alla natura è Iddio, e questo è il lume ch'Iddio ha sparso sopra tutti gli uomini* (*Loc. cit.*, p. 239). Ainda vale ressaltar que a detida análise de Vico sobre as primitivas religiões e/ou mitos levou um especialista como Cassirer a apresentar o Autor italiano como "o verdadeiro descobridor do mito" (Ernst CASSIRER, *Storia della filosofia moderna. I sistemi post-hegeliani* (IV), tomo II, trad. italiana, Torino, Einaudi, 1978, p. 451). Por outro lado, Vico supera os limites das interpretações iluministas do mito, pois os considera mais uma projeção sobre a natureza das necessidades humanas do que um expediente dos sacerdotes. E com esta concepção, segundo Horkheimer, Vico antecipa a futura concepção marxista da ideologia (Cf. Max HORKHEIMER, *Gli inizi della filosofia borghese della storia*, trad. italiana, Torino, Einaudi, 1970, pp. 70-84).

cursor do moderno positivismo e coletivismo, do historicismo, e quanto ao método de pesquisa inclusive superou, sob o ponto de vista metafísico, as barreiras do positivismo e do historicismo⁽¹⁶⁾. A sua insistência na "história ideal eterna", que "devia, deve e deverá" seguir o esquema estabelecido por Vico, justifica que chame a sua ciência de "nova", e que pretende ser, como em Hegel, uma visão universal e unitária da história: "... esta Ciência vem a ser, a um tempo, uma história das idéias, costumes e fatos do gênero humano. E de todas as três ver-se-á saírem os princípios da história da natureza humana, e estes serem os princípios da história universal, à qual ainda parecem faltar os seus princípios⁽¹⁷⁾."

Se para Maquiavel, sob certo aspecto, se deve recorrer à história só em função da consecução ou da manutenção do poder político, e assim a história é apenas descrição de fatos com objetivos práticos e edificantes, o que, afinal, é irrelevante como conhecimento teórico decisivo, para Vico o conhecimento histórico é superior a qualquer outro e é necessário para compreender todos os fatos humanos. Se para o florentino — sob muitos pontos de vista aceito por Vico — a ciência é individualista como objeto e como objetivo, para o napolitano o encontro entre ciência e história não se produz automaticamente, mas é causa e efeito de longo processo de gradual difusão e generalização do poder. A este propósito é válida a observação de Max Adler, feita em 1929: "Portanto, o desenvolvimento viquiano das idéias é, de princípio a fim, não já um desenvolvimento individual, mas essencialmente um desenvolvimento no âmbito da natureza socializada do homem. Só assim pode-se realizar a transformação dialética das tendências egoístas em ordem

16. Cf. Friedrich MEINECKE, *loc. cit.*, p. 47.

17. ... questa Scienza vien ad essere ad un fiato una storia dell'idee, costumi e fatti del gener umano. E da tutti e tre si vedranno uscir i principi della storia della natura umana, e questi esser i principi della storia universale, la quale sembra ancor mancare ne'suoi principi (*Loc. cit.*, p. 255). Observe-se que a insistência de Vico em fazer uma história "das idéias, dos costumes e dos fatos" nos faz pensar na "nouvelle histoire" francesa contemporânea. Até se deve lembrar Vico quando, por exemplo, se lêem as análises de Michel FOUCAULT em sua *História da Sexualidade*. O moto do pensador italiano é sempre o seguinte: l'ordine dell'idee dee procedera secondo l'ordine delle cose ("a ordem das idéias deve proceder segundo a ordem das coisas")!

social, dado que a atividade humana se desenvolve necessária e integralmente num ambiente 'civil', mesmo onde dominam unicamente a avidez e a fome do poder, o que significa que tal atividade é possível só no âmbito de uma comunidade social''⁽¹⁸⁾.

Em suma, Vico constitui um ponto obrigatório de passagem ou de início para quem queira descrever o caminho da teoria moderna da história e da própria filosofia da história — sem que se questione aqui a sustentabilidade da última — e talvez o desconhecimento dele por tanto tempo tenha sido causa de um desenvolvimento menos profundo e menos rápido da ciência histórica. O próprio Dilthey, embora reconhecendo a Turgot o mérito de haver secularizado a história, afirma que os **Principi di una scienza nuova** "deixam subsistir os traços exteriores da filosofia teológica da história, mas no interior de tal enorme edifício o trabalho positivo deste pensador, uma verdadeira pesquisa histórica com objetivos históricos, encontrou um campo todo seu na história arcaica dos povos, enfrentando o problema da sua evolução e das épocas desta evolução comum a todos os povos"⁽¹⁹⁾

A historicidade da América segundo Vico

Ao recordarmos os méritos de Vico, não se pode, como latino-americanos, menosprezar o fato de ele ter sido talvez o primeiro europeu a reconhecer abertamente a historicidade dos povos americanos e extra-europeus em geral. A sua referência à terra e aos habitantes 'descobertos' dois séculos antes por Colombo serve também para elucidar o conceito de história.

18. Max ADLER, "L'importanza di Vico per lo sviluppo del pensiero sociologico", trad. parcial italiana do texto do artigo publicado originalmente em *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung* (apud Roberto ESPOSITO *La politica e la storia. Machiavelli e Vico*, Napoli, Liguori, 1980, p. 23).

19. W. DILTHEY, *Introduzione alle scienze dello spirito*, trad. italiana, Firenze, La Nuova Italia, 1974, p. 133.

Em primeiro lugar, saliente-se que Vico não realiza em si um estudo sobre a América e os americanos, mas simplesmente se refere a eles no contexto geral da sua teoria da história, a fim de delinear a cronologia da história das nações. As referências a estes americanos, sem distinguir entre os mesmos senão os gigantes da Terra do Fogo, os **patacones**, mais arcaicos e mais jovens como nação⁽²⁰⁾, são bastante raras, e nem interessam ao napolitano os aspectos geofísicos e naturais do “novo mundo”, e sim seus habitantes. Nem se preocupa Vico em comprovar e estabelecer hierarquias entre as diversas nações estudadas, mas recorre ao assunto para demonstrar a sua teoria: todos os homens, distribuídos em nações, seguem, embora não saibam uns dos outros, os mesmos passos na sua evolução. E comprova-o teimando em refutar quem sustentava viverem os povos do Brasil sem qualquer conhecimento de Deus: “Estas são novas — afirma — de viajantes, que buscam colocação para os seus livros através de monstruosas invenções”.⁽²¹⁾ Os americanos são, por sua essência, homens, sem qualquer outro adjetivo, a não ser, sob forma de homens, primitivos e jovens (têm mil e quinhentos anos de idade, segundo Vico); vivem sim no “estágio das famílias”, estágio social que faz parte da primeira das três idades fundamentais do gênero humano, ou seja, a dos deuses. Tal “estágio das famílias”, de que, segundo Vico, temos exemplo na história romana, celta, egípcia, encontra-se também entre os americanos⁽²²⁾; e do poder familiar se passa, necessariamente, ao poder civil, do patrimônio privado ao público. Sem tal necessidade proveniente do amotinamento de grupos de inimigos dos pais de família, e da luta dos pais para levar os mesmos a obedecerem, não teriam surgido o poder civil e o patrimônio público⁽²³⁾.

Atribuindo, pois, aos americanos tal estágio de desenvolvimento, Vico exclui que eles façam parte de uma categoria de seres em estado de inocência ou de feras, o que equivale à refutação violenta de muitas opiniões vigentes. O pensador italiano rompe

20. Cf. Giambattista VICO, *loc. cit.*, p. 187 e p. 238.

21. *Queste sono novelle di viaggiatori, che procurano smaltimento a'loro libri con mostruosi ragguagli* (*Ibid.*, p. 233).

22. Cf. *ibid.*, p. 412-3.

23. Cf. *ibid.*, p. 210.

com a idéia tradicional dos selvagens "homens de natureza", e assim "pela primeira vez também a América já não apresentava ao pensador europeu 'homens de natureza', mas 'culturas'"(24). Conseqüentemente, um dos princípios viquianos da evolução dos povos, segundo o qual "o direito natural dos povos nasceu com os costumes das nações, entre si conformes num senso comum humano, sem qualquer reflexão e sem tomarem exemplo uma da outra"(25), encontrou nos americanos um argumento forte para a própria ideologia moderna do progresso e para a teoria segundo a qual o sujeito da evolução histórica não é a humanidade em seu conjunto, nem cada indivíduo em si, mas cada uma das nações de homens tomada individualmente. Por isso, segundo Vico, um povo não pode julgar o outro a partir de si mesmo. Não há um tempo histórico único, uniforme, mas cada nação segue o **seu** tempo, em ritmo e complexidade próprios.

À medida que Vico inclui na fundamentação da sua teoria da história os americanos com seu passado e seu presente, e com um futuro melhor pela frente, tem-se que pela primeira vez um europeu atribui explicitamente uma historicidade à América. A América já é história, e não é pré-história (aliás, que sentido há numa **pré-história**?!). Não obstante a rigidez do esquema histórico cíclico, não se pode menosprezar o fato de que, para o napolitano, os americanos fazem parte da história do gênero humano, o que não aconteceu depois com Hegel, que situa a América (do Norte e do Sul) fora da história e lhe concede apenas a possibilidade de nela entrar no futuro. Para Vico, portanto, a América é realidade histórica válida como qualquer outra, embora Colombo a tenha encontrado em sua "idade dos deuses"(26).

24. Sergio LANDUCCI, *I filosofi e i selvaggi. 1580-1780*, Bari, Laterza, 1972, p. 291. Nesta interessante e informativa obra, vejam-se também, a respeito da relação entre europeus e não, relação vista pelos filósofos, pp. 273-332.

25. *Il diritto natural delle genti è uscito coi costumi delle nazioni, tra loro conformi in un senso comune umano, senza alcuna riflessione e senza prender esempio l'una dall'altra.* (G. VICO, *loc. cit.*, p. 225).

26. Ver o artigo de Lucinda Nava ALEGRIA, "Vico y America", em: *Latinoamerica*, México, 3 (1970): 87-116. É oportuno observar que na América em geral, mas sobretudo na América Latina, a obra e a visão de Vico são ainda bastante desconhecidas. Chama, por exemplo, nossa atenção o fato de um historiador da

§§§

Conclua-se esta breve análise do contributo de Vico para a cultura moderna e contemporânea, com palavras do próprio Autor, que podem resumir a sua visão da história: "Porque foram os homens que fizeram este mundo de nações (este foi o primeiro princípio incontestado desta Ciência, depois de ficarmos procurando em vão encontrá-la junto aos filósofos e aos filólogos); mas ele é este mundo, sem dúvida, saído de uma mente muitas vezes diversa e às vezes totalmente contrária e sempre superior aos fins particulares que os homens se haviam proposto; tais fins restritos, tornados meios para servirem a fins mais amplos, foram sempre usados para conservar a geração humana nesta terra" ⁽²⁷⁾.

fama de Germán ARCINIEGAS não ter falado sequer do pensador italiano precisamente quando analisa a influência que a América exercitou sobre a Europa e sobre os intelectuais europeus (cf. *América en Europa*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1975).

27. *Perché pur gli uomini hanno essi fatto questo mondo di nazioni (che fu il primo principio incontrastato di questa Scienza, dappoiché disperammo di ritrovarla da' filosofi e da' filologi); ma egli è questo mondo, senza dubbio, uscito da una mente spesso diversa ed alle volte tutta contraria e sempre superiore ad essifini particolari ch'essi uomini si avevan proposti; quali fini ristretti, fatti mezzi per servire a fini più ampi, gli ha sempre adoperati per conservare l'umana generazione in questa terra.* (G. VICO, loc. cit., pp. 705-6)